8º Salão Bienal do Mar proposta para uma intervenção artística

“O retorno de Araribóia”

Por Coletivo Maruípe

SUMÁRIO

- Currículo do Coletivo Maruípe
- Breve documentação e imagens de um projeto já realizado
- Memorial descritivo do projeto proposto para o 8º Salão Bienal do Mar
- Sistema de montagem e especificações técnicas do projeto
- Imagens do projeto

CURRÍCULO DO COLETIVO MARUÍPE

Integrantes do grupo

Elaine Pinheiro, Meng Guimarães, Rafael Corrêa,
Silfarlem Oliveira e Vinícius Gonzalez.

Dados pessoais do representante do grupo

Nome: Rafael de Paula Corrêa
Endereço: Rua Mário Nascimento, nº77, Carapina, 29161-280 - Serra, ES, Brasil
Tel.: (27) 3328-0450 E-mail: cidadaocorrea@yahoo.com.br

Exposições do grupo

2006 - Nanoexposição. Trabalho: *Caixadiálogo*. Galeria de Arte Espaço Universitário (GAEU), UFES, Vitória, Brasil.

2005 – Web-arte Taru. Trabalho: animação do Edifício das fundações. Em: http://www.taru.art.br/webart/index.html

2004 - Exposição paralela ao mar. Antiga casa da Cultura, Vitória, Brasil.

2004 - II mostra de arte do SINDIAPPES, Trabalho: *laboratório de química*. Antigo Colégio do Carmo, Vitória, Brasil.

2004 - Exposição Intervenção no edifício das fundações. Trabalho: conjunto de intervenções. Galeria Homero Massena, Cidade Alta, Vitória, Brasil.

Produção artística/cultural do grupo

2005/2004 – Paralela-ao-mar, iniciativa independente do Maruípe que realizou projeto de intervenção em vários pontos da cidade de Vitória com a participação de diversos artistas. http://br.groups.yahoo.com/group/paralelaaomar/

Palestras

2006 – 30 de maio. Bate papo Maruípe, Universidade UNIVIX curso de arquitetura, Vila Velha, ES.

2005 – 15 de setembro. Palestra: *encontro Maruípe, apresentada no* III Vitória em Arte, na Assembléia legislativa do estado do Espírito Santo, vitória, Brasil.

Publicações

2005/2006 - Mapeados Rumos Artes visuais – Itaú Cultural.

2004 - "Coletivo Maruípe"; in: I Catálogo de produtos Culturais do Espírito Santo. Vitória: Secretaria do Estado da Cultura - SECULT/ES.

Em internet Blog: http://www.maruipe.blogger.com.br/

BREVE DOCUMENTAÇÃO DE UM PROJETO JÁ REALIZADO

Conjunto de intervenções realizadas pelo Coletivo Maruípe em 2004, Edifício das Fundações/Galeria Homero Massena

O Coletivo Maruípe é um grupo de artistas que trabalha com intervenção urbana**.** Aqui apresentamos um de nossos projetos que realizamos em Vitória na Cidade Alta.

O Edifício das Fundações, onde está localizada na planta baixa a Galeria Homero Massena, se encontrava totalmente abandonado quando em 2004 fomos convidados a expor. O fato do prédio se encontrar abandonado e apenas a galeria funcionando, nos fez discutir e refletir acerca deste lugar, ou “não-lugar”, fruto do esvaziamento dos centros urbanos.

Propusemos desenvolver nossa proposta baseando-se em uma vontade de perceber o entorno da galeria e também do prédio. Para tanto fizemos um mapeamento andar por andar, até completar os oito andares mais a galeria, e desse itinerário surgiram o conjunto de intervenções que cogitavam uma junção entre galeria, edifício e entorno. Algumas intervenções funcionavam quando a galeria estava aberta, outras funcionavam de noite, e outras de dia e de noite.

A seguir anexamos duas imagens do projeto com duas das intervenções que executamos no Edifício das Fundações.

Duas imagens do projeto já realizado

Intervenção no Edifício das Fundações

“Vende”, intervenção no Edifício das Fundações / Galeria Homero Massena, Coletivo Maruípe, 2004.

Intervenção noturna. Projeção na porta da galeria de imagens da fachada do prédio, Edifício das Fundações / Galeria Homero Massena, Coletivo Maruípe, 2004.

Material impresso

Intervenção no Edifício das Fundações

CADERNO DOIS

A CIDADE É O SUPORTE ARTISTAS MODIFICAM HOJE A FACHADA DO EDIFÍCIO DAS FUNDAÇÕES

Obras "escapam" da galeria e invadem rua da Cidade Alta

Grupo de artistas quer que espaço da Homero Massena apareça para os passantes

MARCELO PEREIRA

Quem passa perto do Edifício das Fundações, na Cidade Alta, em Vitória, nem imagina que ali, no seu térreo, funciona uma galeria de arte. Aliás, uma das mais importantes do Espírito Santo, a Homero Massena.

Essa "invisibilidade" começa a ser discutida (e combatida) com a intervenção artística "Coletivo Maruípe", tendo à frente os artistas Elaine Pinheiro, Meng Guimarães, Rafael Corrêa, Silfarlem Junior e Vinicius Gonzalez.

A abertura é logo mais, às 20h. Os participantes estarão também disponíveis para um bate-papo com o público.

Proposta. Os organizadores querem interferir artisticamente no prédio, começando pela sua fachada, para que o edifício "apareça" aos olhos dos freqüentadores da Cidade Alta. Nessa ação, o próprio espaço da Homero Massena tende a crescer, como um prolongamento da própria nova "cara" do imóvel.

A idéia nasceu no começo deste ano, a partir de uma necessidade dos artistas em buscar mais espaços para suas produções. Eles não queriam, no entanto, que as obras ficassem restritas a pontos tradicionais.

Além de mostrar as obras, o grupo também pretende instigar o visitante (ou o passante) a refletir sobre essa fronteira da arte contemporânea, que mais e mais tende a não se restringir a quatro paredes de galerias, com ambientes climatizados e neutros.

O Edifício das Fundações, eles dizem, é só o primeiro passo. Os integrantes querem também discutir sobre outros pontos de Vitória sujeitos a essa intervenção.

Segundo a Secretaria de Estado da Cultura (Secult), que apóia a idéia, a ação dos capixabas se compara ao Projeto Arte/Cidade, que movimentou São Paulo, em três fases distintas, a partir de 1994. Lá, a curadoria foi de Nelson Brissac, responsável por quebrar o clima monótono da selva de concreto com intervenções de obras de arte.

Vá lá

■ *Coletivo Maruípe. Abertura hoje, às 19h30, com bate-papo com os artistas que participam da exposição. Galeria Homero Massena, Rua Pedro Palácios, 99, Cidade Alta, Vitória. Visitas monitoradas: 3132-8395. Segunda a sexta, das 10h às 18h. Domingo, das 15h às 17h. Até 5 de novembro. Entrada franca.*

LOCAL. O Edifício das Fundações é o cenário da intervenção artística do "Coletivo Maruípe". FOTO: DIVULGAÇÃO

exposição

CONTRADIÇÕES VISITANTES NÃO ENTENDEM, MAS ELOGIAM O TRABALHO DOS ARTISTAS QUE EXPÕEM NO ESPAÇO DA CIDADE ALTA

Coletivo Maruípe desconcerta os visitantes e chama a atenção pelo inusitado

Mostra não se resume ao interior da Galeria Homero Massena, mas está também no telhado do prédio e na escada de acesso ao primeiro andar

CLODOMIR BERTOLDI

Incrível, interessante, espantoso. Esses foram alguns adjetivos usados por pessoas que passavam em frente à Galeria Homero Massena, referindo-se à exposição "Coletivo Maruípe, intervenção no Edifício das Fundações", que vai até o dia 5 de novembro.

Organizada por Elaine Pinheiro, Meng Guimarães, Rafael Corrêa, Sifarlem Júnior e Vinícius Gonzalez, a exposição tem como proposta central "intervir na fachada do prédio, reintegrando o volume do edifício novamente à cidade, através de intervenções pontuais que dialoguem entre si".

Ela foge da rotina e não se restringe ao interior da galeria: utiliza o entorno do prédio, os fundos do elevador, o alto do edifício, sua fachada frontal, tornando-se visível e integrando-se ao próprio prédio. A intenção, segundo seus organizadores, é tratar o edifício como um único volu-

AS REAÇÕES

Espanto

BRUNO VELLO RAMOS
Advogado, 32 anos

"Fiquei um pouco espantado. Não parece muito ortodoxo em termos de artes plásticas, mas a arte é assim. Nem sempre você a entende. Aí é que está o bom da arte".

novos, misturando várias tendências e caminhos para retratar os contornos e a amálgama de cores dos florais.

Uma jovem artista que contempla o local com suas inspirações é a pintora e artista plástica Romilda Patez. Além de trabalhar com gravuras, Romilda aproveitou a técnica e conhecimento, adquiridos com o desenvolvimento de trabalhos ligados ao arabesco - estilo que detalha bastante as composições em forma de curvas e labirintos - para servir de alicerce ao trabalho desenvolvido para a exposição.

Romilda trabalha com pintura há quatro anos. Ela produziu trabalhos expostos em cerca de 20 eventos, entre as galerias Ana Terra, Homero Massena, e até o Palácio do Café. O incentivador de seu trabalho foi o professor Atilho Colnago, que também expõe na coletiva.

Foto: Bernardo Coutinho

Serviço: a Galeria Ana Terra fica na rua Eugênio Neto, 106, Praia do Canto, ao lado do restaurante Salute.

Intervenção e Arte na galeria

Paulo Rogério

Foto: Divulgação

A proposta é intervir na fachada do prédio

Nesta terça-feira (21), às 19h30, começa a exposição do projeto Intervenção Artística no Edifício das Fundações, na galeria de artes Homero Massena, no Centro de Vitória. O trabalho é realizado por cinco artistas do grupo Coletivo Maruípe. O trabalho estará exposto até o dia 5 de novembro.

Uma das propostas centrais do Coletivo Maruípe é intervir na fachada do prédio, reintegrando o volume do edifício novamente à cidade, de acordo com Silfarlem Júnior, um dos artistas responsáveis pelo trabalho.

O grupo trabalha com a vídeo-instalação de imagens da fachada, onde as pessoas passam a ter acesso por entradas laterais. Na galeria, o edifício é tomado em vários ângulos diferentes, por meio de vídeos e fotos (slides).

"Esta é uma forma de estarmos revitalizando, resgatando uma obra tão importante para o meio onde se encontra, por meio de mídias como fotografia, vídeo e desenhos, numa linguagem que proporciona um 'diálogo' do objeto, que está passando pelo processo de intervenção, ou transformação, com outros objetos que compõem o ambiente".

O espaço expositivo vai além da galeria e chega ao entorno, tornando-se visível e integrando-se ao próprio prédio, logo acima. A intenção é justamente tratar o edifício como esse único volume, que engloba tanto a galeria quanto os oito andares, buscando nele e em seu entorno evidências particulares, transformadas pela ação do tempo sobre a própria matéria.

Esta não é a primeira vez que o grupo apresenta um trabalho de intervenção. No dia 9 deste mês de setembro, um dia depois das festividades de 453 anos da Capital, o "Coletivo Maruípe" expôs um trabalho interessante no laboratório de química do Colégio do Carmo - também no Centro.

Elaine Pinheiro, Meng Guimarães, Rafael Corrêa, Vinicius Gonzalez e Silfarlem Júnior desenvolveram um trabalho que abordava a transformação do espaço físico, por meio de reações químicas de três elementos: o ar, o sal grosso e a naftalina.

"As pessoas que puderam estar presentes no local, perceberam todo o processo não só pelo sentido da visão, geralmente o único utilizado em exposições de trabalhos artísticos. Todos puderam notar as transformações no ambiente por meio do olfato (devido o odor decorrente as reações), além do tato (pois podiam perceber o volume dos objetos por meio do toque)".

A experiência era a seguinte: após toda uma investigação, os artistas utilizaram bolsas para a doação de sangue, infladas com ar, para reagirem com naftalina disposta por todo o laboratório, mais o sal grosso - que servia justamente para absorver a umidade do ar.

Os artistas

O grupo de arte "Coletivo Maruípe" está formado desde o mês de fevereiro deste ano por alunos de cursos do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. "Mesmo antes da oficialização do grupo, no inicio deste ano, nós já nos reuníamos em um 'point' aqui perto (da galeria Homero Massena) para passarmos o tempo conversando sobre arte, e o que cada um gostaria de fazer" - a amizade começou há um pouco mais de um ano.

Contrato Especial
2063/2003-DR/ES
SEC
CORREIOS

O Governo do Estado do Espírito Santo através da Secretaria de Estado da Cultura convida para exposição

Coletivo Maruípe
Intervenção no Edifício das Fundações

Elaine Pinheiro - Meng Guimarães - Rafael Corrêa
Silfarlem Junior - Vinicius Gonzalez

Galeria Homero Massena

21 de Setembro a 05 de Novembro de 2004

Conversa com os artistas na abertura 21/09, terça às 19h30
Reuniões abertas ao público aos domingos, das 15 às 17h

Galeria Homero Massena
Visitas monitoradas: 27 3132-8395
R. Pedro Palácios, 99 Cidade Alta, Centro, Vitória, ES

SECRETARIA DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO
ESPÍRITO SANTO
A HORA É ESSA

BRASISAL
ACS CONSTRUTORA
kurumá

arte contemporânea etc
Nenna

nenna@nenna.com
27 março 2007

ARQUIVO

ghm.2 - Destino e Arredores

Edifício da Fundações, com a Galeria Homero Massena, em montagem fotográfica do Coletivo Maruípe na webARTE .

ou...
como trazer nosso tradicional espaço de exposições para o tempo atual.

Fruto das transformações provocadas pela industrialização na década de 70, a Galeria Homero Massena, nossa primeira construída dentro de padrões razoáveis para a época, faz 30 anos no próximo sábado... com festa e desejo de transformações.

Motivado pelas comemorações realizei, no dia 7 de março, uma palestra/ provocação sobre o futuro daquele espaço – nitidamente decadente – quando foi colocada a questão fundamental: qual o destino que lhe cabe num sítio metropolitano de altíssima atividade cultural como o que está se materializando no centro de Vitória?

O DIÁLOGO

Na falação fiz um pequeno retrospecto das atividades da galeria e sua relação com a cidade, destacando sua importância na história da nossa arte, nestes tantos anos de muitos acertos e alguns equívocos.

É um passado sedimentado e rico para a compreensão da atualidade e do desenvolvimento da obra de diversos artistas. Contém o embate por propostas cosmopolitas, num ambiente ainda muito provinciano. A galeria já nasceu em conflito com seu destino ao ser batizada com o nome do genial pintor de paisagens. Naquele espaço nossos principais artistas em atividade hoje, fizerem suas primeiras individuais já respirando um início de 'sentir' contemporâneo, distante do universo do mestre dos pincéis.

Outro ponto de reflexão foi dedicado às transformações em andamento na vizinhança, que sinaliza para num futuro próximo, um circuito de visitação e turismo com forte apelo cultural. O Palácio Anchieta está finalizando sua restauração com destaque para os conceitos que estão sendo aplicados na restauração e planejamento das visitas ao túmulo de Anchieta, com entrada pela praça João Clímaco. Na antiga Assembléia Legislativa um projeto arquitetônico muito elogiado vai abrigar a sede da Orquestra Filarmônica. No Arquivo Público, com o final da mudança dos documentos para novo local, será estruturado o Memorial do Espírito Santo abrigando exposições temáticas. O Centro Cultural Majestic já é uma realidade, desenvolvendo suas atividades com sucesso, como na série 'História Viva', importante registro de nossa história recente, contada por seus personagens.

Artistas Capixabas na Web (parte 2)

Erly Vieira Jr.
Atualizado toda Terça-feira, às 16 horas

Foto: Taru.art.br

Continuando o passeio pelos sites dedicados à produção local de artes visuais, cito a secção *Enciclopédia* do *Taru* (http://www.taru.art.br/enciclopedia/index.html), cujo precioso acervo aos poucos vai sendo restaurado e recolocado no ar.

Podemos encontrar no site registros fotográficos de algumas importantes exposições ocorridas nos últimos dez anos: desde a belíssima *Limites - Oceano Atlântico*, de Hilal Sami Hilal, realizada no Yázigi em 1997, até a ótima individual do Vilar na Casa Porto das Artes, em 2005, passando por *Desiderata* (Museu Ferroviário, 2002, verdadeiro marco na produção local), e pelo registro do *2º Salão do Mar* (2001, vencido pelas célebres *colheres de sal* de Julio Tigre) e de *EU*, realizada no Centro de Artes em 2001, e que faz parte da série *Quanto mais arte melhor*, além de fotografias de Roberto Burura, Priscila P., Tom Boechat e Fabrício Coradello. Há também espaço para um depoimento de Franz Krajcberg e um interessante artigo de Almerinda da Silva Lopes sobre *Nenna e a vanguarda capixaba*.

Nenna, figura capital para a introdução de uma produção artística capixaba mais voltada para questões da contemporaneidade (no comecinho dos anos 70), é o idealizador do site, e também o responsável pela primeira mostra de arte produzida para a web no estado: a *YWebArte*.

A primeira curadoria da mostra ocorreu em 1998, com a participação de artistas plásticos, videomakers e designers gráficos, como Herbert Pablo, Joel Vieira, Sheila Mara, Eduardo Cozendey, entre outros. Lembro-me, na época, de ter ficado impressionadíssimo com a fotonovela *Marcas de Amor*, de Jana Assis, a partir de um conto da então inédita Mara Coradello, todo construído a partir de recriações de slogans publicitários (uma pena esse trabalho não estar mais disponível).

De lá pra cá, foram mais duas edições (2000 e 2005), das quais estão disponíveis, entre outros, trabalhos de artistas como Maruzza Valdetaro (excertos do *Loteamento do Ar*), animações de Mirabólica (a já conhecida *Exterminador*), Sheila Mara, Julio Schmidt e Tânia Calazans, o *Tarot* de Herbert Pablo e fotos de Orlando da Rosa Farya (a obra de 2005, inclusive, é uma animação de gifs de conhecidísimas - e incríveis - fotos do artista).

Lá também podemos conferir o registro da exposição do Coletivo Maruípe na Homero Massena em 2004, que ultrapassou o espaço da galeria, investigando as ruínas do Edifício das Fundações, onde ela está localizada. Clicando nos fragmentos da imagem de abertura do mini-site (uma fotografia do edifício), podemos assistir a pequenos trechos em vídeo da investigação que o coletivo empreendeu pelo prédio.

Mas a maior surpresa do acervo da enciclopédia está no resgate dos desenhos (originalmente postados em 1999) de um jovem artista, Alexander Bergman, o Shuma (ou Chuma, como está grafado no site), falecido precocemente alguns anos atrás. O Shuma (vou utilizar a grafia adotada pelo Patrick Reis em seu interessante documentário homônimo, de 2003) foi uma lendária figura do underground capixaba na década de 90, e seus desenhos começavam a ser conhecidos além dos limites da Barra do Jucu quando o artista partiu. Realmente, são desenhos impressionantes, pela sua originalidade, lirismo e força. E bem que mereciam uma bela exposição em algum nobre espaço da cidade.

Os trabalhos de Shuma estão disponíveis aqui: http://www.taru.art.br/enciclopedia/artes/chuma/index.html, com direito a um emocionado texto de apresentação do próprio Nenna.

MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO PROPOSTO PARA O 8º SALÃO BIENAL DO MAR

“O RETORNO DE ARARIBÓIA”

A proposta do Maruípe para a Bienal do Mar é reproduzir uma replica idêntica a escultura do índio ***Araribóia*** e espalhá-la pela cidade através de uma itinerância por oito pontos demarcados na cidade de Vitória.

A escultura de bronze foi encomendada na década de sessenta do século passado pela prefeitura ao escultor Carlos Crepaz. Hoje a escultura se encontra instalada na Praça do Índio em Vitória, Av. Beira Mar perto da Curva do Saldanha (ver imagem em anexo, ponto A), guardando a entrada da Baía de Vitória apontando para o Penedo. Entretanto, segundo o pesquisador Willis de Faria em “Catálogo dos Monumentos Históricos e Culturais da Capital”, consta que antes de ser instalada em sua atual localização ela esteve instalada em outras localidades da cidade. E também conta que a escultura ficou por um tempo guardado no depósito da prefeitura, fato que inspirou uma marchinha popular de carnaval "Bota o Índio no Lugar" de Júlio Alvareng.

O intento de nossa proposta é produzir uma escultura “móvel” que “caminha” pela cidade, muda de localização de tempo em tempo, dentro da demarcação territorial do evento Bienal do Mar criando uma re-territorialização do espaço urbano por meio do “retorno de Araribóia”, que aparecerá e desaparecerá (mudança de pontos) provocando uma visão temporária e deslocada tanto da escultura como dos pontos onde se instalará sua replica.

Araribóia era cacique dos Temiminós e ajudou a expulsar os franceses da Baía de Guanabara no século XVI. Posteriormente o cacique e sua tribo seguiram para a então Capitania do Espírito Santo, onde reorganizaram a sua aldeia e expulsaram alguns holandeses.

Daí que um dos motivos, digamos mais histórico, da escolha dessa escultura é que o índio Araribóia parece que já foi usado como referência para construção de uma identidade capixaba moderna, usando o mito do guerreiro, e atual porque os índios têm protagonizado recentemente, no estado do Espírito Santo, várias lutas pelo direito da terra contra empresas como Aracruz Celulose, o que faz retomar “o mito” do guerreiro. Agora, entretanto, não mais para ajudar a libertar a ilha dos holandeses como no século XVI e nem mais como símbolo de identidade capixaba que queriam forjar no século XX. O índio retorna para “revisitar a cidade” com suas flechadas sem

flechas (note que a escultura não tem mais nem o arco nem a flecha, mas continua em postura de ação).

Reproduzir a escultura pela cidade, através de sua mobilidade, pode dar uma impressão de apropriação e re-colonização. É como se o índio, com sua imagem repetida e deslocada, ocupara o espaço público que lhe foi e é negado.

Aqui o índio se refere ao problema da privatização do espaço público ou da luta entre uma elite dominante e seus subalternos, isto é, não estamos falando apenas da raça indígena, mas do que essa pode representar dentro de um contexto sociopolítico de disputa entre poderes. Não é uma volta às origens, e sim uma re-significação do simbólico.

Como já havíamos comentado, a escultura do índio foi instalada em outros pontos da cidade antes de permanecer onde está, o que levou o antropólogo Sandro José da Silva sublinhar que "*curiosamente a estátua parece não ter um lugar*". Uma questão importante indicada pela falta de lugar para instalar a escultura do Araribóia perpassa o problema cultural-etnográfico do índio. O índio como outras comunidades, por exemplo os quilombolas, são alvos de uma manobra onde suas identidades são congeladas no tempo por meio de um olhar etnográfico equivocado. Isso resulta mais evidente quando, por exemplo, os índios são questionados sobre sua identidade se não levam tanga ou arco e flecha, argumentos utilizados para dizer que os índios não têm direito à terra porque não são os mesmo de 500 anos atrás.

O retorno de Araribóia é esse intento, como diria Hal Foster em "O artista como etnógrafo", de enquadrar a quem enquadra colocando à prova os sistemas de representação simbólica. Daí que a réplica da escultura, em deslocamento pela cidade nos oito pontos descritos adiante, aponta para pontos representativos da cidade sem perder a relação que a escultura do índio guarda com a Ilha de Vitória buscando ampliar e relacionar os "monumentos" históricos –culturais e econômicos– com a delimitação e simbolização do entorno. Araribóia chega à cidade pelo mar, faz seu itinerário e retorna ao mar. O que enquadramos aqui é a ocupação do espaço público reforçando o questionamento artístico-político das intervenções arquitetônicas e monumentais no espaço urbano. Nosso interesse é colocar em evidencia uma relação entre a cidade e seus múltiplos habitantes, entre indivíduos e coletivos, evitando a criação de guetos paisagísticos.

Sistema de montagem e especificações técnicas do projeto

Em relação com as características da escultura, será produzida uma réplica em material similar ao bronze –já que a reprodução em bronze é inviável devido ao seu alto custo– e uma base em concreto similar à original para sua sustentação (imagem descritiva anexada).

De acordo com a pesquisa que realizamos, alguns escultores trabalham com um material que tem características semelhantes ao bronze (cor, envelhecimento e aspectos); trata-se de uma resina feita a partir de pó de minério e cálcio. A utilização de um material similar ao bronze, e não o bronze, não prejudica a proposta já que não se trata de uma “alta fidelidade” em termos de material. O mais importante é manter a aparência geral da escultura quanto a aspecto, forma e tamanho. Faríamos um molde a partir da escultura original e reproduziríamos uma única cópia que ficará exposta em oito pontos, seguindo um itinerário que parte da Beira Mar, percorre a cidade, e volta ao ponto onde se encontra atualmente fixada a escultura original. Vide a imagem de satélite anexa e a descrição de cada ponto a seguir.

Os pontos que indicamos para a localização temporal da replica são:

Ponto 1 - Calçada Beira Mar perto da antiga saída das balsas. Escultura apontando para o mar e para a Companhia Vale do Rio Doce.

Ponto 2 - Praça Papa Pio XII. Escultura apontando para o mar e para a escultura do Papa Pio XII que se encontra na praça com o mesmo nome.

Ponto 3 - Canteiro próximo ao Palácio Anchieta. Escultura apontando para o mar e para o palácio.

Ponto 4 - Escadaria Maria Ortiz. Escultura apontando para o mar e da Cidade Alta para a baixa.

Ponto 5 - Rua Sete no meio da alameda (Rua com circulação apenas para pedestres). Escultura apontando para o mar e para a Praça Costa Pereira.

Ponto 6 - Esquina Jerônimo Monteiro com a Praça Costa pereira. Escultura apontando para o mar e para o Teatro Glória.

Ponto 7 - Dentro da galeria/passagem comercial do Ed. Michelini próximo ao Teatro Carlos Gomes. Escultura apontando para o mar e para uma das entradas do corredor.

Ponto 8 - Esquina da Av. Jerônimo Monteiro. Escultura apontando para o mar e para a Casa Porto das Artes.

Ponto A - Localização atual da escultura do Índio Araribóia. Escultura apontando para o mar e o Penedo.

(Para uma visualização descritiva dos pontos vide as imagens do projeto).

A cópia da escultura permanecerá em cada ponto elegido aproximadamente uma semana e utilizaremos o domingo ou uma noite, ou ainda o horário que seja oportuno pela comissão organizadora, para fazer as mudanças de um ponto a outro. Utilizaremos um caminhão-muque (guindaste) que retirará a escultura de um ponto e levará ao outro no mesmo dia, e preferencialmente de noite, mantendo a escultura sempre exposta.

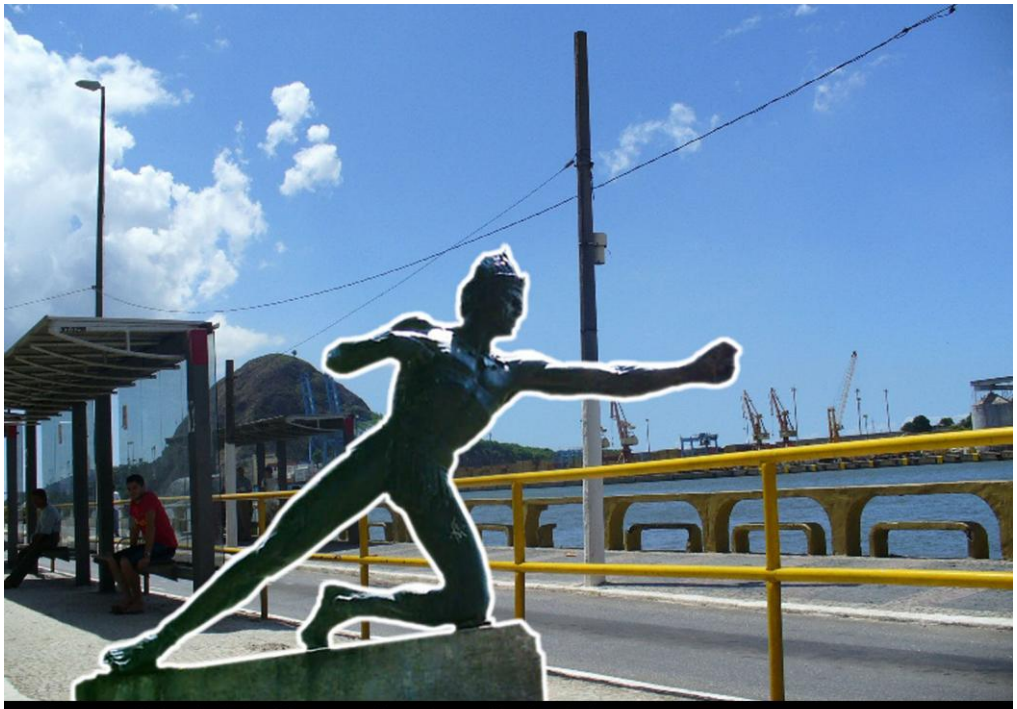
Ressaltamos ainda que eventualmente um ou outro ponto indicado no projeto para a localização da réplica poderá mudar devido algum impedimento técnico ou por orientação conceitual do evento desde que seja mantida no novo ponto uma relação entre a escultura e o entorno onde ela será temporariamente instalada. O que queremos dizer é que os pontos que escolhemos não são aleatórios e uma eventual substituição deverá levar isso em consideração.

A escultura do índio Araribóia que pretendemos reproduzir é propriedade da Prefeitura de Vitória, sendo assim entramos em contato com a Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Vitória que, após consultar a Comissão Organizadora do Salão, nos instruiu a enviar a proposta sem prévia autorização por escrito, já que caso selecionado o projeto, a autorização de uso da imagem seria cedida pela organização do evento junto à Secretaria Municipal de Cultura de Vitória, considerando que a escultura faz parte do acervo público da própria prefeitura.

Imagens do projeto

“O RETORNO DE ARARIBÓIA”

Pontos de 1 a 8 - Pontos de deslocamento da réplica da escultura do Índio Araribóia.
Ponto A - Localização atual da escultura do Índio Araribóia



Ponto 1 - Calçada Beira Mar perto da antiga saída das balsas.
Escultura apontando para o mar e para a Companhia Vale do Rio Doce.

Ponto 2 – Praça Papa Pio XII. Escultura apontando para o mar e para a escultura do Papa Pio XII
que se encontra na praça com o mesmo nome.

Ponto 3 - Canteiro próximo ao Palácio Anchieta.
Escultura apontando para o mar e para o palácio.

Ponto 4 - Escadaria Maria Ortiz.
Escultura apontando para o mar e da Cidade Alta para a baixa.

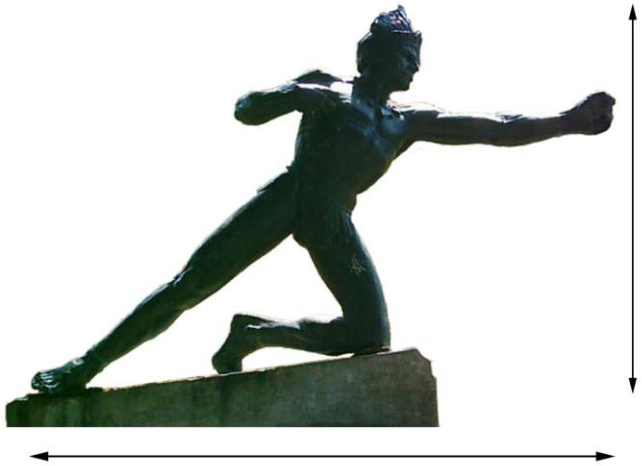
Ponto 5 - Rua Sete, no meio da alameda (rua com circulação apenas para pedestres).
Escultura apontando para o mar e para a Praça Costa Pereira.

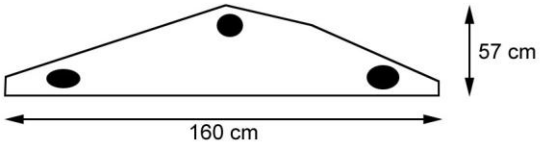
Ponto 6 - Esquina Jerônimo Monteiro com a Praça Costa pereira.
Escultura apontando para o mar e para o Teatro Glória.

Ponto 7 - Dentro da galeria/passagem comercial do Ed. Michelini, próximo ao Teatro Carlos Gomes.
Escultura apontando para o mar e para uma das entradas do corredor.

Ponto 8 - Esquina da Av. Jerônimo Monteiro.
Escultura apontando para o mar e para a Casa Porto das Artes.

Ponto A - Localização atual da escultura do Índio Araribóia.
Escultura apontando para o mar e o Penedo.





Base de cimento,
vista de cima, com seus
3 pontos de apoio:
pés direito e esquerdo
e joelho

Medidas gerais da escultura e sua base.